

## **A estética da hiperestilização em videoclipes narrativos: um estudo sobre a videografia da artista Melanie Martinez<sup>1</sup>**

Silvia Cristina França LIMA<sup>2</sup>

Rodrigo OLIVA<sup>3</sup>

Universidade Paranaense, Umuarama, PR

### **Resumo**

Na contemporaneidade, o videoclipe apresenta intenso hibridismo entre as linguagens do vídeo e do cinema. Machado (2007, p.78) discute que a hibridização e a convergência dos meios implicam em movimentos de trânsito e tensões nas formas audiovisuais. Verifica-se, também, que o estilo representa novas características e personalidade, por meio do uso de recursos estéticos, no formato do videoclipe. Este estudo apresenta uma análise da obra da cantora Melanie Martinez, cujas marcas representativas de um estilo se conectam com a estética da hiperestilização, evidenciada pelo uso saturado de recursos estéticos da linguagem do cinema (OLIVA, 2017).

**Palavras-chave:** cinema; videoclipe; estética da hiperestilização.

### **Introdução**

O presente artigo científico faz parte das discussões de um Projeto de Iniciação Científica que promove o entendimento de como as linguagens do cinema e a do videoclipe se interconectam e se relacionam, buscando ampliar o debate sobre as linguagens e seus desdobramentos narrativos, estéticos e da forma como são produzidos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 - Comunicação Audiovisual do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Paranaense (UNIPAR), e-mail: silvia.franca@edu.unipar.br.

<sup>3</sup> Docente do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Paranaense e Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná, e-mail: prof.rodrigo.oliva@gmail.com

---

O recorte desta apresentação se atém às experiências audiovisuais da cantora Melanie Martinez que, por meio da expressão do videoclipe, se promove através de estilos que se assemelham a representações hiperbólicas e surrealistas. É notório em seu trabalho alguns temas e recursos expressivos que operam com questões ligadas a narratividade, pois seus vídeos contam histórias, bem como da forma como os recursos expressivos são apontados.

Parte-se do referencial teórico promovido a partir da ideia de ampliação das narrativas em vídeos (OLIVA, 2017), discute-se o conceito de estética da hiperestilização para fundamentar a análise proposta. Portanto, este artigo se configura num estudo abrangente sobre as relações existentes entre o cinema e o videoclipe, pensadas a partir de um processo de estilização, fundamentado nos recursos que são comuns na obra da cantora.

### **O videoclipe e as suas relações narrativas: A expansão da narrativa**

O videoclipe é um gênero do audiovisual que surgiu, inicialmente, como uma força de apoio para vender música e imagem do artista. Tratava-se apenas da síntese da música de trabalho escolhida pelo artista e seus produtores (SOARES, 2013, p. 92), caracterizado por uma linguagem de sincronização de imagem e som, visualidade fragmentada e limitado ao tempo da música. Na contemporaneidade, com o advento da internet e devido a possibilidade de ampliação do tempo do vídeo, uma liberdade maior foi dada aos produtores e aos espectadores, influenciando diretamente na forma de se produzir vídeos, surgindo então vídeos mais longos e que se objetivam a contar histórias. Aliado a esse fato, há a possibilidade de experimentação de novas técnicas de edição e composição de imagem, surgidos com a evolução tecnológica, que influenciaram nas experimentações audiovisuais.

Hoje, o videoclipe está além de uma simples forma de entretenimento, a nova liberdade proporcionada pela internet trouxe à tona experimentações imagéticas e narrativas, apresentando intenso hibridismo entre as linguagens do vídeo e do cinema. É comum a criação de narrativas, onde histórias são contadas, com a existência de

---

personagens, presença ou não do intérprete da música, além da inserção de elementos externos à música, como falas, textos sobre as imagens - *letterings* e a ampliação de possibilidades nos movimentos de câmera e ângulos.

Diante dessa contextualização é estabelecido então o conceito de *narrativas dilatadas*, a ampliação da “narrativa em nível temporal e espacial, quer pelo tempo total ou não da música” (OLIVA, 2017, p. 114), usado para entender como a linguagem videoclípica, no trânsito do cinema, televisão e internet, se molda a partir das influências da linguagem cinematográfica.

Um dos centros desta discussão se atém a uma específica consideração sobre uma abertura para videoclipes que contam histórias. Verifico uma tendência que vai na contramão dos vídeos de natureza rápida e curta, mas que em determinadas produções prolonga o tempo da música, com pausas, atuações de personagens, inserção de diálogos e outros elementos estruturantes da linguagem que descaracterizam os paradigmas clássicos e convencionais do videoclipe. (OLIVA, 2017, p. 123).

Sendo assim, é característico do videoclipe contemporâneo a tendência pela tentativa de representar histórias apoiado, na maioria dos casos, na estrutura básica das narrativas cinematográficas, que de acordo com Block (2010, p. 233) dividem-se em: exposição, em que os fatos e personagens são apresentados; o conflito, onde há o clímax, definido pelo ápice da história, e a resolução, onde a história se finda, oferecendo ou não, uma conclusão de pensamento ao espectador.

Essa estrutura já foi adotada lá atrás no famoso videoclipe *Thriller* (Jhon Landis, 1983), para o artista pop Michael Jackson, abertamente inspirado em clássicos filmes B de zumbis e considerado um marco na história do videoclipe, e mais recentemente, no vídeo *Mrs. Potato Head* (Melanie Martinez, 2016), que critica a busca pela perfeição estética, realizado para a artista Melanie Martinez, objeto de estudo deste artigo. Ambos os vídeos apresentam um prólogo sem música, introduzindo os personagens e a história, com um clímax bem definido, no caso do primeiro, a aparição dos zumbis e no segundo os problemas resultantes das cirurgias plásticas realizadas por uma das personagens. Por fim, há conclusão, com a protagonista acreditando estar acordada de um sonho, em

---

*Thriller*, e em *Mrs. Potato Head*, a segunda personagem, representada pela cantora, entendendo que a busca desmedida por perfeição estética pode não oferecer os resultados desejados.

Videoclipe narrativo é aquele se aproxima da prosa narrativa do cinema e é o mais analisado, porque, logo que surgiu o videoclipe, alguns poucos clipes desse primeiro tipo foram realizados por personalidades do meio cinematográfico, como uma espécie de musicais de curta-metragem. (GUIMARÃES, 2007, p. 125).

A partir desse conceito de narrativas dilatadas inseridas aos vídeos, novas possibilidades criativas e imagéticas surgem, ampliando o uso dos componentes do cinema no vídeo, fazendo com que se unam de tal forma que pode ser até difícil “caracterizar de onde vem a imagem” (OLIVA, 2017, p. 129), ou seja, a confluência de linguagens é tão expressiva que se torna difícil separar vídeos de filmes curtas-metragens.

Desta relação intensa de hibridização de linguagens, associado a identificação do estilo do artista, reconhecido como características de personalidade, em suas produções audiovisuais, Oliva (2017) propõe o conceito de *Estética da Hiperestilização*, evidenciado nas obras aqui analisadas da cantora *pop* Melanie Martinez.

### **A Hiperestilização como percurso teórico**

Ao analisar o conceito de narrativas dilatadas e da hibridização das linguagens do cinema e videoclipe, o conceito de estética da hiperestilização se apresenta essencial para se entender as características proeminentes do videoclipe atual.

De acordo com Oliva (2017) a estética da hiperestilização nasce do uso saturado da linguagem do filme dentro do vídeo que:

(...) em processos híbridos, configuram-se em formatos que diferem da natureza clássica das linguagens do cinema e do videoclipe, apontando para expressões hiperbólicas, ampliadas e esgotadas em suas próprias incrustações (...). (OLIVA, 2017, p. 132).

---

Isso aponta, de acordo com o autor (2017, p. 132) videoclipes que se aproximam dos filmes de curta duração, com narrativas ampliadas. Para Lipovetsky e Serroy (2009, p. 279), o clipe conta uma história:

(...) cuja trama tem a ver com a canção: é onde se mantém a ligação com o cinema enquanto narrativa-em-imagem. Estamos a anos-luz dos primeiros clipes que se contentavam em registrar frontalmente um cantor cantando a sua canção. Um clipe é um filme, que se apresenta como tal e que se alimenta da visão e do estilo que o cinema lhe oferece. (LIPOVETSKY; SERROY, 2009, p. 279).

Ademais a essas características de contar histórias, a hiperestilização define também, vídeos “que trabalham com excesso de estilismo” (OLIVA, 2017, p. 132), que apesar de, talvez, causar certo estranhamento, começa a “se instaurar com frequência nas artimanhas estéticas e estilísticas dos audiovisuais contemporâneos” (OLIVA, 2017, p. 132).

Sendo assim, Melanie Martinez é exemplo da aplicação da estética da hiperestilização devido ao uso saturado de linguagens cinematográficas empregues aos seus videoclipes, principalmente o recurso narrativo e a estética surrealista, aliados ao seu estilo ostensivamente personalizado.

### **O surreal em Melanie Martinez**

*“You seem to replace your brain with your heart/You take things so hard and then you fall apart/You try to explain, but before you can start/Those cry baby tears come out of the dark<sup>4</sup>”* (*Cry Baby*, Melanie Martinez, 2016). Assim começa a faixa título do álbum da jovem cantora norte americana Melanie Martinez, já deixando claro o tipo de obra a ser encontrada. *Cry Baby* é um álbum pessoal, confessional e intimista, mas não pequeno ou simples em temáticas e visualidades. Para seu álbum de estreia, lançado no ano de 2015, Melanie Martinez cria um alter-ego, a personagem *Cry Baby*, uma jovem inconsistente, insegura e depressiva. As letras das músicas e as histórias

---

<sup>4</sup> Tradução livre: Você parece que troca seu coração com seu cérebro/Você leva as coisas para o lado pessoal e começa a chorar/Você tenta explicar, mas antes que você possa começar/Aquelas lágrimas de bebê chorona surgem do escuro.

---

mostradas nos vídeos tocam em feridas sociais, com críticas a padrões estéticos e familiares, abuso infantil e de drogas, violência, sequestro, assassinatos, amores que não funcionam e medos, imaginários ou não.

A videografia da artista conta com treze videoclipes, todos gravados para o álbum *Cry Baby*, que narra vivências da personagem criada por Melanie desde o nascimento, história narrada na faixa título do álbum, seu crescimento em uma família disfuncional, apresentada nas faixas *Dollhouse* e *Sippy Cup*, inseguranças, arrependimentos e paixões, em *Mrs. Potato Head* e *Soap*, respectivamente, até sequestro e pedofilia, narrados nos vídeos de *Tag, You're It* e *Milk and Cookies*, que estão disponíveis na plataforma *YouTube* como um vídeo único, pela sequencialidade da narrativa, mas que podem ser vistos individualmente.

O primeiro detalhe a se discutir que caracteriza a hiperestilização é, justamente, o tratamento narrativo dedicado aos videoclipes. Dez desses vídeos contam histórias, sem necessariamente interromper a música com falas, fugindo do pressuposto básico da linguagem audiovisual cinematográfica em que o videoclipe narrativo se baseia. A narrativa dos vídeos é dilatada, a música cantada se torna apoio ao que o vídeo está contando e não o contrário, como era típico da linguagem videoclípica tradicional. Em alguns dos vídeos o tempo da música é expandido, com a inserção de prólogos sem a música que nomeia o clipe e até falas.

A linguagem cinematográfica se faz presente em toda a composição do álbum, desde o tratamento narrativo dedicado a maioria dos videoclipes, como citado, até o emprego da estética surrealista. Eduardo Peñuela Cãnizal, em seu texto *Surrealismo* (2006, p. 143) fala do surrealismo no cinema, que veio da estética na pintura, como um movimento de vanguarda surgido na década de 1920, que baseia seus princípios nos processos oníricos, com obras que desejavam romper as fronteiras entre realidade e sonho, consciente e inconsciente.

O movimento surrealista trouxe ao cinema novas possibilidades de se contar uma história, onde o inconsciente toma forma e imagens aparentemente desconexas criam sentido a partir das relações estabelecidas entre elas. E o videoclipe, devido também ao seu caráter de tempo diminuto comparado à filmes longa metragem, está se

aproveitando dessa estética para contar suas histórias, expandindo as possibilidades visuais e narrativas.

A influência do cinema surrealista na linguagem do videoclipe é notável, já que a experimentação do formato projetará uma série de vídeos cujas imagens traçam conexões com as imagens sistematizadas pela vanguarda surrealista. Por meio desta dessacralização da imagem realista, o diálogo da estética com as criações dos vídeos são recorrentes, atribuindo este fato a uma caracterização da imagem do videoclipe. (OLIVA, 2017, p. 48).

Melanie abusa de elementos e visualidades surrealistas em suas obras, no uso da cor, que beira ao psicodélico, elementos “estranhos” inseridos às cenas, como máscaras de animais e em procedimentos de mixagem de imagens. A estética é também aplicada como a representação visual e liberação de repressões e traumas de sua personagem, expressando, em imagens, toda a “loucura” da *Cry Baby*, resultante das conturbações de sua vida.

Melanie aplica a cor rosa e pitadas de azul, em tons pastéis, nos figurinos e cenários dos vídeos para brincar com a pureza de sua personagem frente as letras das músicas, que são agressivas e críticas. Já o azul, quando em tons mais escuros, para a artista, o significado é outro. É comum encontrar forte iluminação azul quando há perigos próximos, antecipando ao espectador que algo pode não estar bem, e quando personagens estão envolvidos em situações desconfortáveis ou sentem-se tristes, num clima sombrio e melancólico.

Figura 1 - Influência das cores: o azul



Frame do videoclipe *Sippy Cup* (2015)

Ainda sobre o estilo personalizado da artista, verifica-se o emprego de uma estética infantilizada. Há um paradoxo entre o mundo real e perigoso presente nas letras e histórias narradas nos vídeos com o visual da artista, que se fantasia de criança, carregando sempre figurinos com babados e laços, em cenários decorados com brinquedos e artigos infantis. Esse visual “boneca” e infantil tem inspiração direta com as Lolitas, nome que remete à personagem Lolita do romance homônimo do russo-americano Vladimir Nabokov (1955), além de estar relacionado à uma moda Nipônica.

Figura 2 - Figurino e cenário infantilizados



Frame do videoclipe *Dollhouse* (2014)

Aliados a essas características presentes nos vídeos, há ainda, incorporados ao instrumental das músicas, sons artesanais de brinquedos ou outros, como bolhas de sabão e líquidos escorrendo.

### **Analisando o estilo vinculado a estética da hiperestilização**

Para Bordwell (2013, p. 17), estilo é o uso sistemático e significativo de técnicas de mídia cinema em filme e envolvem encenação, iluminação, enquadramentos, ambientação e outros aspectos relacionados à edição e som. Fazendo um paralelo com a linguagem do videoclipe, podemos identificar esses mesmos traços nos vídeos produzidos para a cantora Melanie Martinez. Os vídeos trabalham a iluminação e as cores de modo a ambientar a história, há personagens, elementos e quadros comuns a

---

todas as obras. Todos os vídeos aqui citados seguem a linha narrativa cinematográfica básica, conforme já apresentado, com exposição, conflito e resolução (BLOCK, 2010, p. 233), não obrigatoriamente nessa ordem.

Os videocliques seguem histórias individuais da personagem *Cry Baby*, alter-ego de Melanie, mas se vistos de maneira ampla, os vídeos mantêm conexão direta entre si, além de todo o visual e características. Seguindo a sequência das faixas no encarte do álbum, a história da personagem se expande e se torna contínua, em que é possível ver desde o nascimento à entrega a insanidade, de uma pessoa maltratada por questões pessoais.

*Cry Baby* (2016), a faixa que nomeia o álbum, é o nascimento da personagem *Cry Baby*. Uma mulher grávida, a mãe, entra em trabalho de parto e dá à luz devido a uma paulada na barriga dada pelo médico, que veste uma máscara de coelho. Uma Melanie bebê chora pelos descasos da mãe até que inunda o quarto. Está dada a largada pelo mundo louco da “bebê chorona”.

A estética surrealista aqui é identificada por meio do parto da mãe que, com a paulada recebida, dá a luz a doces, os brinquedos distribuídos pelo quarto da *Cry Baby*, que se movem sozinhos, o choro excessivo capaz de inundar o quarto e a representação do médico mascarado de coelho. Esse personagem mascarado participa também da encenação em *Mrs. Potato Head*, realizando cirurgias plásticas de resultados desastrosos.

Seguindo a história, temos *Dollhouse* (2014). Numa metáfora a casa de bonecas, a família da personagem é apresentada. *Cry Baby* e a família vivem uma falsa perfeição. A mãe é traída e para esconder a dor se torna alcoólatra, o irmão usa drogas. Através da letra, Melanie fala com uma terceira pessoa para que reconheça a podridão escondida por trás das cortinas. Essa terceira pessoa é representada por uma criança, que não faz parte dessa dinâmica familiar e que assiste aos personagens dentro da casa de bonecas, mas também somos nós, espectadores, já que Melanie atua como intérprete protagonista, cantando a música quase que integralmente olhando para a câmera. A maquiagem dos personagens é carregada e todos portam-se como bonecos, sem fluidez nos movimentos e expressões. A iluminação azul se faz presente na maior parte do

---

vídeo, sendo mais intensa quando o uso de drogas é revelado e em closes nos personagens, como no rosto triste da mãe ao saber da traição do marido.

Ainda sobre disfunções familiares, em *Sippy Cup* (2015), novos segredos são revelados. A mãe está cada vez mais se afundando em seu vício em álcool e um assassinato acontece. Inserido ao instrumental da música está o som de líquido derramado. Aqui há a presença ativa de apenas duas personagens, a mãe e a *Cry Baby*. O tempo, espaço e ações de cada uma são bem definidos, mesmo sem a existência de falas. A cor predominante no vídeo novamente é o azul, carregado na iluminação do quarto da *Cry Baby*, antecipando no espectador um desconforto em relação ao clima soturno e melancólico empregado a esse ambiente, o que se mostra fundado, já que ao final do vídeo ficamos sabendo que a personagem é ali mantida sedada pela mãe.

Em se tratando da forma em que as imagens são inseridas e mixadas no quadro, *Soap* (2015) é o videoclipe que mais aproveita da estética surrealista. A história aqui é não linear, iniciando com um prólogo sem música e com fala. A ação do vídeo acontece quase que inteiramente dentro de um banheiro em que há uma grande banheira. Há um personagem masculino em cena. As luzes piscam frequentemente, deixando o visual psicodélico. Ocorrem momentos em que a mixagem da imagem se dá por incrustação, combinando fragmentos de imagens de origens diferentes, como quando uma pequena TV disposta próximo à banheira liga e roda um vídeo de Melanie cantando dentro de uma outra banheira cheia de espuma. Oliva (2017, p 65), a partir de um estudo de Dubois (2004), afirma que “a incrustação da imagem se caracteriza pela junção de duas imagens, geralmente de bases temporais e espaciais opostas”.

Os segundos finais do videoclipe são marcados por psicodelia intensa. Bolhas de sabão saídas da boca da cantora voam pelo ambiente e Melanie novamente aparece cantando em uma banheira com espumas, com o recurso de sobreposição de imagens, como se “coladas” umas sobre as outras, formando imagens fantasmagóricas.

Há ainda, entre os videoclipes *Cry Baby*, *Sippy Cup* e *Soap* uma outra similaridade: a cantora é inserida como intérprete de sua música de forma entrecortada à história que está sendo contada. Ela aparece no quadro em closes e primeiros planos,

---

cantando com expressões faciais e movimentos exagerados, em um outro cenário, com figurino diferenciado, de forma que haja suspensão dos espaços temporais e espaciais.

Essas aparições podem ser entendidas como ganchos visuais inseridos ao videoclipe, já que são cenas que, por causarem uma quebra na linha narrativa, prendem a atenção do espectador na ansiedade em ver o que acontecerá a seguir, quando a história retornar, pois, de acordo com Soares (2013, p. 115) através de seus estudos de Goodwin (1992), ganchos são “uma espécie de localização, na imagem, de uma estratégia utilizada para manter o espectador assistindo ao clipe”, ou seja, as quebras narrativas funcionam como um incentivo visual à permanência do espectador ao videoclipe.

Pensados e distribuídos como um curta metragem, *Tag, You're It* e *Milk and Cookies* (2016) são vídeos diferentes, que contam uma mesma história. O primeiro foge totalmente do jogo de cores que acontece nos videoclipes anteriores, mas ainda assim, a cor tem papel importantíssimo para situar a narrativa. A obra fala de sequestro e abuso infantil, então tudo perdeu o brilho, as roupas e cenários estão inundados por uma coloração branca acinzentada, a figurante tem olhos completamente negros e até o cabelo da protagonista está dividido nas cores preto e cinza.

A jovem *Cry Baby* vai fazer compras e acaba sendo dopada e sequestrada pelo lobo mau disfarçado de sorveteiro, um personagem com uma máscara de lobo, conferindo o toque surreal à obra, mas que também escancara, de maneira metafórica, a realidade perigosa de confiar em estranhos.

Na sequência, em *Milk and Cookies*, as cores estão de volta. A história acontece, em uma pequena cozinha com paredes cor de rosa, em que a personagem é mantida em cativeiro e planeja sua vingança: matar o lobo mau com biscoitos envenenados. Novamente há incorporações de cenas performáticas da cantora interpretando a música, inseridas entrecortando a narrativa. Em um ambiente inteiramente azul, Melanie tem sua cabeça disposta sobre uma mesa e protegida por uma redoma de vidro. Essas cenas oferecem um diálogo com a expressão “dar de bandeja”, já que o sequestrador tomou a jovem *Cry Baby* sem nenhuma dificuldade.

---

Talvez o videoclipe em que a crítica e a consciência social estão mais explícitas seja *Mrs. Potato Head* (2016), penúltimo vídeo lançado pela artista. Diferentemente de todos os outros, duas histórias são narradas e não há interferência da cantora como intérprete. A primeira história acontece ainda no prólogo. *Cry Baby* é jovem e insegura com sua aparência física e chora enquanto assiste na TV um comercial de pílulas de emagrecimento.

A segunda história acontece dentro da TV, e só nesse momento que a música se inicia. A narrativa segue, linearmente, uma bela e inocente jovem que se submete a tratamentos estéticos até que se torna uma versão deformada de si mesma. Um personagem mascarado de coelho é o cirurgião plástico e a sala de cirurgias é iluminada por azul, ampliando o clima sombrio e a sensação de desconforto causadas pelas gráficas cenas de cortes e enxertos. Assim que a música acaba, saímos da TV e retornamos à primeira história, que nos presenteia com a redenção da *Cry Baby*, que entende que tamanha busca por perfeição pode não oferecer bons resultados.

Através do brinquedo “cabeça de batata”, música e videoclipe criticam de maneira explícita os ideais de beleza, potencializado pela cultura das cirurgias plásticas e a influência da mídia, que injetam na sociedade, a todo momento, imagens de corpos inalcançáveis para a maioria das mulheres e centenas de tratamentos estéticos de gostos duvidosos.

A maioria dos videoclipes apresentados usam de prólogos, com sons externos à música que os nomeiam, para introduzir a história e apresentar os personagens. Há também, em todos os vídeos, infantilização nos figurinos e cenários, narrativas que oferecem críticas sociais e melancolia em diferentes graus de intensidade, há excessos visuais representados por caretas e expressões exageradas, como a tristeza da personagem protagonista no vídeo *Cry Baby* e a inserção de cenas escatológicas de cortes de peles e enxertos, em *Mrs. Potato Head*, além da psicodelia e estética surrealista que inserem elementos e procedimentos de mixagem de imagens que oferecem maneiras diferenciadas de contar as histórias.

O excesso de estilismo dos videoclipes, por meio de temáticas semelhantes, narrativas dilatadas, influência de estéticas, signos, cores, figurinos e cenários, identifica

---

a marca da artista e causa uma ideia de saturação repleta de exageros visuais e recursos cinematográficos.

### **Considerações Finais**

A confluência entre as linguagens do cinema e do videoclipe é característica marcante na videografia de Melanie Martinez. A estética da hiperestilização é conectada ao seu estilo, expresso com personalidade e requintes de exagero em seus videoclipes, saturados de recursos estéticos da linguagem cinematográfica, principalmente na articulação e inspiração na estética surrealista.

Com este trabalho foi possível identificar como as linguagens do cinema e do videoclipe se interconectam, bem como ampliar o debate sobre os conceitos de hiperestilização e narrativas dilatadas, a partir da obra de Melanie Martinez. Portanto, verifica-se na videografia da artista aspectos que vem sendo destacados como fatores importantes da confluência e hibridismo das linguagens frente ao audiovisual contemporâneo.

### **Referências**

BLOCK, B. **A narrativa visual: criando a estrutura visual para o cinema, TV e mídias digitais**. São Paulo: Elsevier, 2010.

BORDWELL, D. **Sobre a história do estilo cinematográfico**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

CANIZAL, E. P. Surrealismo. In: MASCARELLO, F. (Org). **História do cinema mundial**. Campinas: Papirus, 2006.

**DOLLHOUSE**. Direção: Nathan Scialom e Tom McNamara. Videoclipe, 4'25". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HcVv9R1ZR84>. Acesso em: 03 mar. 2018.

GUIMARÃES D. A. D. **Comunicação tecnoestética nas mídias audiovisuais**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A tela global: mídias culturais e cinema na era hipermoderna**. Porto Alegre: Sulina. 2009.

---

**SIPPY cup.** Direção: Melanie Martinez. Videoclipe, 3'21". Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=VdwaWp59qz8>. Acesso em: 03 mar. 2018.

**CRY baby.** Direção: Melanie Martinez. Videoclipe, 6'06". Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=O87lzhoexyA>. Acesso em: 14 ago. 2017.

MACHADO, A. **Arte e mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

**MRS. POTATO head.** Direção: Melanie Martinez. Videoclipe, 5'32". Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=wkri1NUq9ro>. Acesso em: 14 ago. 2017.

OLIVA, R. **Interconexões de poéticas audiovisuais**: transcineclipecine e hiperestilização. Curitiba: Appris, 2017.

SOARES, T. **A estética do videoclipe**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

**SOAP.** Direção: Melanie Martinez. Videoclipe, 4'25". Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=OKY57T5mvLY>. Acesso em: 04 mar. 2018.

**TAG you're it/MILK and cookies.** Direção: Melanie Martinez. Videoclipe, 6'44". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BEYHJFIONvU>. Acesso em: 04 mar. 2018.